GRANTA

NÚMERO 2

Poder



GRANTA

REVISTA SEMESTRAL

EDITORA Bárbara Bulhosa

DIRECTOR Carlos Vaz Marques

DIRECÇÃO DE PRODUÇÃO Inês Hugon

ASSISTENTE DE PRODUÇÃO Andreia Baleiras

ASSISTENTE EDITORIAL Madalena Alfaia

DIRECÇÃO GRÁFICA Vera Tavares

PAGINAÇÃO Pedro Serpa

PUBLICIDADE Rute Dias

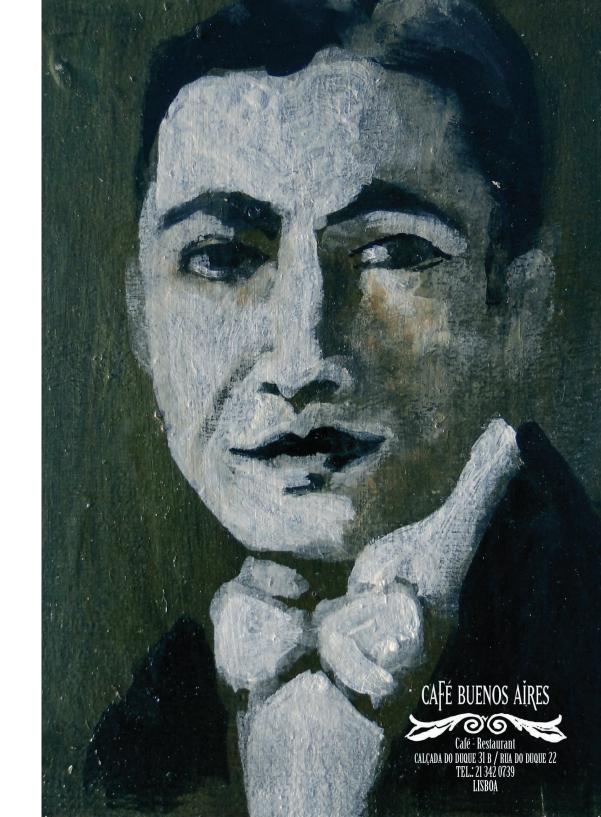
ASSINATURAS Joaquim Massano

© José Eduardo Agualusa, Miguel Esteves Cardoso, Hélia Correia,
Afonso Cruz, José Gardeazabal, Luísa Costa Gomes, Ana Teresa Pereira,
João Pina, Raquel Ribeiro, Gonçalo M. Tavares
Mas já nada é sagrado? © 1990, Salman Rushdie,
publicado com a autorização de Wylie Agency (UK) Limited
A revolução instantânea © James Fenton
O Verão depois da Guerra © 1982, Kazuo Ishiguro
Do branco ao preto © Martha Gellhorn
© capa de João Pina

Publicado sob licença de Granta Publications, 12 Addison Avenue, London W11 4QR © 2013, Granta Publications © 2013, Edições Tinta-da-china

> ISSN 2182-9136 ISBN 978-989-671-193-1 Depósito legal 364914/13

R. Francisco Ferrer, 6A | 1500-461 Lisboa | Portugal Tels. (00351) 21 726 90 28/9 | email: granta@tintadachina.pt





O mundo é um imenso livro do qual aqueles que nunca saem de casa lêem apenas uma página.

AGOSTINHO DE HIPONA



ÍNDICE

| 7 | Editorial Carlos Vaz Marques | 153 | São Paulo 2013 João Pina |
|-----|--|-----|--|
| ΙΙ | O bom déspota José Eduardo Agualusa | 177 | O Verão depois da guerra Kazuo Ishiguro |
| 21 | Mas já nada é sagrado? Salman Rushdie | 201 | Correspondência Jorge de Sena e Carlos Drummond de Andrade |
| 4I | Híma | | |
| · | Luísa Costa Gomes | 245 | Do branco ao preto <i>Martha Gellhorn</i> |
| 47 | Várias versões de | | |
| • / | uma catástrofe | 263 | Have a heart |
| | José Gardeazabal | | Ana Teresa Pereira |
| 63 | Servindo o chá Hélia Correia | 271 | O Senhor Veloso Miguel Esteves Cardoso |
| 81 | É perigoso ser feliz duas vezes Raquel Ribeiro | 289 | Breves notas sobre o poder Gonçalo M. Tavares |
| 105 | A revolução instantânea James Fenton | 298 | Autores |



João XXI, Duque D'Ávila, Morais Soares, Pascoal de Melo, Lg Camões. Av. Igreja, Elias Garcia, Olivais, Expo, Belém, Miraflores, Telheiras, Graça, Benfica, Campo de Ourique, Rua do Ouro.

facebook.com/apadariaportuguesa

EDITORIAL

Cresci acompanhado por uma frase silenciosa, em letra arrebicada, num pequeno quadro pendurado ao lado do televisor lá de casa. O nicho por baixo do guarda-louça era o ponto de fuga dos olhares à mesa. As atenções convergiam para o ecrã iluminado, entre duas garfadas e conversas de circunstância. A frase ficava na sombra.

Uma parte da minha adolescência fez-se do confronto com aquelas três palavras cercadas por uma moldura de madeira castanha: «Querer é Poder».

O aparelho de televisão nem sempre ali esteve. O quadrinho, sim. Pelo menos na minha memória. Mesmo no tempo em que eu ainda tinha de pedir autorização para ir à taberna do fundo da rua ou a casa de um vizinho ver a série de aventuras que dava aos sábados à tarde. Queria muito acompanhar o folhetim dos irmãos Cartwright. Queria mas nem sempre podia.

Talvez o céptico que há em mim tenha nascido numa dessas tardes de sábado em que não pude acompanhar as peripécias de Bonanza.

Durante muito tempo alimentei a suspeita de que a frase em letra desenhada estava ali só para mim. Mais ninguém a via. Quem a teria dito? De onde viria aquela certeza? Que garantias poderia eu ter de que comigo não seria diferente?

Não me lembro de alguma vez alguém, lá em casa, ter comentado aquela máxima ou de ter sequer referido a existência do pequeno quadro. Aquilo não era mais do que um elemento adicional na paisagem doméstica, como os bibelôs sobre os *naperons*.

Assim que aprendi a ler, descobri-me rodeado de segredos. A frase do quadro era apenas mais um. Ali estavam eles à vista de

O BOM DÉSPOTA

José Eduardo Agualusa

Muitas vezes, quase sempre após um desses generosos almoços de sábado, que se prolongam quase até ao crepúsculo, escuto empresários, generais, alguns dos meus ministros recordarem as agruras do passado: «Em criança comi muita quicuerra», dizem. Quem os ouvir, com os olhos esquecidos na infância distante, brilhando de comoção, há-de supor que têm saudades da quicuerra que comiam ao matabicho, ao almoço e ao jantar. Muitos ainda não se sentem bem — ou «não se sentam bem», na expressão de um deles — à mesa de um restaurante caro. Preferem comer churrasco com as mãos num qualquer quintal de musseque.

Provavelmente comem quicuerra às escondidas, lembrando a miséria de que padeciam no tempo do colono. Quanto a mim, nunca passei fome. Nunca comi quicuerra para enganar o estômago. Comi quicuerra porque gostava da mistura da ginguba com a farinha de mandioca e o açúcar. Não tenho saudades de nada.

Ou sim.

Às vezes tenho saudades de tocar viola. Eu tocava viola com alguma convicção. Tanto assim que ganhei a alcunha de Francô, em homenagem a François Liambo Makiadi, o Francô, que naquela época, no final dos anos cinquenta, já fazia sucesso em Léopoldville liderando os míticos OK Jazz. Os conjuntos, em Luanda, tinham nomes redondos e ritmados: Kimbandas do Ritmo, Negoleiros do Ritmo, África Ritmos, Gambozinos, N'Goma Jazz, Merengues, Ases do Prenda ou Semba Tropical.

Quando digo que sinto saudades de tocar viola, não quero dizer que me faça falta tocar, se quisesse voltar a tocar mandava comprar uma guitarra, uma que tivesse pertencido a Francô, por exemplo,

GRANTA

MAS JÁ NADA É SAGRADO?

Salman Rushdie

TRADUÇÃO DE ANTÓNIO COSTA SANTOS

resci a beijar livros e pão.

Lá em casa, sempre que alguém derrubava um livro, ou deixava cair um *chapati* ou uma *«fatia»*, a palavra que usávamos para um triângulo de pão fermentado com manteiga, o objecto caído tinha não só de ser apanhado mas também beijado, num *mea culpa* pelo desastre e em sinal de respeito. Eu era tão descuidado e mãos-de-manteiga como qualquer criança e, portanto, nos meus anos de infância, beijei grande número de *fatias* e tive também a minha conta de livros.

Nos lares devotos da Índia, as pessoas tinham por hábito — e ainda têm — beijar os livros sagrados. Mas nós beijávamos tudo. Beijávamos dicionários e atlas. Beijávamos livros da Enid Blyton e banda desenhada do Super-Homem. Se eu algum dia tivesse deixado cair a lista telefónica, provavelmente também a teria beijado.

Tudo isto aconteceu antes mesmo de ter beijado uma rapariga. Aliás, até seria quase verdade, ou em todo o caso suficientemente verdadeiro para um escritor de ficção, dizer que, mal comecei a beijar raparigas, as minhas actividades relativas a pão e livros perderam alguma da excitação que lhes era própria. Mas uma pessoa nunca esquece os seus primeiros amores.

Pão e livros: comida para o corpo e alimento para a alma — o que mais poderá ser tão digno do nosso respeito e até do nosso amor?

É sempre para mim um choque conhecer pessoas sem interesse pelos livros e pessoas que troçam do acto de ler, para não falar nisso de escrever. Talvez seja sempre surpreendente perceber que o objecto do nosso amor não é aos olhos dos outros tão atraente como para nós. Os livros que mais amo são de ficção e, nos últimos

GRANTA

HÍMA

Luisa Costa Gomes



sta história foi recolhida à porta do Museu da Salga do Peixe na Epequena cidade de Grindavík, na costa sul da Islândia, junto de um dos três fumadores que aí paravam na altura. O homem revelou--se, como é de esperar em histórias deste género, um actor reformado, pintor diletante, escritor amador, que conhecia Barcelona, onde fizera de esquimó durante uns anos. Cantou-me logo uma pseudo-espanholada; tive que pôr-me ao alto com os nossos muitos séculos de independência. Agora ele vivia praticamente num café de Grindavík, onde desdobrava os cadernos numa mesa do canto, por baixo de uma fotografia encaixilhada do próprio a escrever no mesmo canto, com dez quilos e dez anos a menos. Tornara-se numa macica e castica característica do lugar, o que era, para ele e para o lugar, uma bênção e uma maldição. Falava extremamente baixo e nem sempre em sequência, pelo que não posso garantir que a história que me contou seja a mesma que eu agora vos conto. O meu ouvido já não ouve o que ouvia e não tive coragem de lhe dizer que falasse explicado. Afinal, eu estava de passagem. Pedi-lhe lume contra o vento e trocámos as primeiras linhas da conversa; depois, diante da sopa de marisco e de falas com fragmentos de canções à volta da mesa, eivadas de muita tossidela — que eu deixava de fumar charutos às terças e quintas e ele cobria as quartas e sábados —, veio à tona o seguinte: em princípios do século passado, Jón Stefánsson, pescador de Grindavík, desejou muito construir um batel mais adequado (segundo opinião do próprio, e das mais parciais) à pesca do bacalhau. Percorreu toda a península de Reykjanes sem encontrar construtor capaz e já de volta a casa acomodou-se a Asgrímur Petúrsson, seu vizinho e amigo de infância, construtor

VÁRIAS VERSÕES DE UMA CATÁSTROFE

José Gardeazabal



Deram-me a notícia de uma doença incurável e no mesmo dia comecei a sangrar com tal violência que a minha mãe avisou-me: eu ia transformar-me numa mulher. A minha mãe deu-me as duas notícias num só dia, embora a parte do sangue e a parte de ser mulher não fossem exactamente uma notícia. Eram uma explicação.

A doença não era fatal, apenas incurável. Incurável quer dizer que nunca se iria embora. Ia morrer comigo.

Incurável queria dizer que não ia matar-me.

Eu seria obrigada a praticar mais exercício e a comer menos e melhor, duas tarefas muito simples, embora tivesse de as fazer para sempre. As duas coisas: menos e melhor, para sempre.

Comer menos para sempre não mata.

Nada mata.

A parte boa das doenças sem cura é morrerem connosco, mas nós não morrermos por causa delas. O que as torna incuráveis é o facto de nos fazerem companhia agora e na hora da nossa morte, sempre, sem nos magoarem mais por isso.

— Tu? Tu vais ser mulher para sempre, não te preocupes — anunciou a minha mãe.

Não que a eternidade viesse já aí. Nós já estávamos na eternidade, embora as coisas ainda pudessem piorar.

Poi nesse dia ou no dia seguinte que comecei a prestar atenção a tragédias no computador. Imagens, sons. Na realidade interessei-me por uma única tragédia, o que não deixa de ser uma limitação. Mas interessei-me tanto por essa catástrofe em particular que bem me podem desculpar por não assistir a outras tragédias.

SERVINDO O CHÁ

Hélia Correia

"Há um segredo», disse Jane. «É o amor.» Riu e desfez-se imediatamente. Ainda assim, a voz continuava. Era uma voz sem som, aterradora. Falava em mulheres gordas e fascistas, rápidas a perderem a beleza. Mulheres que o sol cobrira anos a fio como um amante portador de vírus, saboreando antecipadamente o mal que o seu contacto lhes faria. Via-se bem que tudo não passava de um assunto de vermes. Na verdade, os vermes assomavam, divertidos. Isso fez com que Laura, ao acordar, decidisse que iria ser cremada.

«Que estupidez de pesadelo!» Viu as horas. Era a hora da morte, o lusco-fusco, um pouco antes daquilo a que as canções chamam de «madrugada», quando arranca a grande aparelhagem das cidades. Antigamente, os condenados pela justiça avistavam a forca àquela luz. Laura sabia que, uma vez tomada por pensamentos tétricos, já não conseguiria readormecer.

Antes das suas cirurgias plásticas, quando o marido ainda não ficava no quarto dos arrumos, ela acordava-o levemente, de maneira a que o seu braço esquerdo a envolvesse, numa coreografia conjugal por todos conhecida e praticada. «Foi só um sonho», é o que se diz. Laura insistia em relatar-lhe pormenores, e não punha naquilo simplicidade. «Tiveste algum carrasco na família», dizia Daniel. Acreditava numa culpa genética. Esfregava-lhe o cabelo, sem convição, sem acordar mais do que o necessário. Com a repetição, mecanizara. Não cuidara dos filhos. Era em Laura que ele aplicava as pancadinhas paternais, apropriadas para os sustos das crianças. Mas isso fora até se afastar dela.

É PERIGOSO SER FELIZ DUAS VEZES

Raquel Ribeiro

Se trata, no lo olvides, de una ciudad en la que todo el mundo quiere ser engañado. Virgilio Piñera, Electra Garrigó

Durante

Tinha os olhos azuis, claros. Durante vários minutos, parece que só lhe vi os olhos e que me agarrei a eles para poder respirar. Sorria, num rasgo cínico e macilento de quem sabe mais do que revela, de quem revela mais do que diz. Escrevinhava num papel branco, sem timbre nem cabeçalho. Chegou de *jeans* e *t-shirt*, mas quando me sentei à sua frente já envergava a camisa verde-azeitona, de mangas compridas, do uniforme do Ministério do Interior. Tinha cara de russo mas chamava-se Freddy.

O outro chegou atrasado, entrou na sala a meio da conversa, interrompendo algo sem importância que Freddy e os seus olhos azuis começaram por perguntar para quebrar o gelo. Literal: o gelo do ar condicionado na sala. Era novo, muito mais novo do que eu. Um miúdo. Os cubanos diriam que era um *galeguito*, pele amarelecida de muito sol, mas branco. Talvez fosse de uma família *guajira* do interior, com gado ou cavalos, tinha cara de quem vem dali mesmo, do campo de Camagüey. Fazia de *good cop*. Chegou de uniforme já vestido. Tinha cara de cubano mas chamava-se Nicolai.

Havia ainda um terceiro. Uma espécie de secretário. Estava lá apenas como testemunha antes de Nicolai chegar, talvez porque Freddy não pudesse estar sozinho na sala comigo. Ficou a ouvir. Tinha o cabelo muito preto, um bigodinho curto, e vestia uma *t-shirt* branca, imaculada, como o papel que Freddy trazia na mão. Talvez tudo parecesse mais branco por causa do frio do ar condicionado. Era simpático, tinha um ar acolhedor de quem não pertencia ali. Não fazia perguntas. Não tinha autoridade.

GRANTA

A REVOLUÇÃO INSTANTÂNEA

MARCOS DETECTA UMA CONSPIRAÇÃO

James Fenton

TRADUÇÃO DE CARLOS VAZ MARQUES

Quando a coisa acontece, acontece tão depressa que nem acreditamos que ela está a acontecer, e só mais tarde conseguimos reunir as nossas percepções e emoções. Começou tudo num sábado e acabou na terça-feira seguinte, e desconfio que não terá havido ninguém nas Filipinas a sentir-se verdadeiramente a par dos acontecimentos. Eu não estava. Encontrava-me em Baguio quando o ministro da Defesa, Juan Ponce Enrile, e o chefe da Polícia Nacional, o general Fidel Ramos, supostamente sabendo que estavam prestes a ser presos, se refugiaram no Ministério da Defesa, em Camp Aguinaldo. Mesmo na manhã seguinte eu ainda não sabia bem o que pensar das notícias. «Vês aquilo de que te falei na noite passada», disse-me um amigo, «Enrile podia ser o próximo presidente.» Questionámo-nos se Philip Habib, o mais recente enviado de Reagan ao país, lhe teria dado a dica.

Mas se aquilo se assemelhava a um golpe, parecia também ameaçadoramente falhado. Ramos e Enrile estavam escondidos com um punhado de homens. Pareciam assustados e encurralados. Ramos dissera: «Apelo aos povos do mundo para que nos ajudem a recuperar a decência, a justiça, a liberdade e a democracia nesta terra. Neste país entregue a si próprio não há justiça, decência, nem liberdade autêntica, muito menos democracia. Ninguém se disponibilizou a ajudar-nos. Ajudar-nos-emos a nós próprios, mesmo de mãos vazias.» Lutara pelo seu país, continuava: «Não tenho muitas medalhas mas, para mim, chegou o momento de ser reconhecido. Quando servimos o nosso país, há que correr riscos. De qualquer maneira, se eu morrer esta noite ou amanhã, Marcos também acabará por morrer um dia. Ele não é imortal mas eu, pelo



SÃO PAULO 2013 JOÃO PINA



O VERÃO DEPOIS DA GUERRA

Kazuo Ishiguro

TRADUÇÃO DE PAULO FARIA



Um objecto qualquer, talvez um cobertor rasgado — a penumbra do final da tarde não me permitia ver com clareza —, ficara preso nos ramos mais altos de uma árvore e enfunava-se suavemente na brisa. Uma outra árvore caíra, desabando sobre os arbustos. À esquerda e à direita, o chão estava juncado de folhas e de galhos partidos. Pensei na guerra, na destruição e nas ruínas que vira durante os primeiros anos da minha infância, e fiquei a olhar para o jardim, sem nada dizer, enquanto a minha avó me explicava que um tufão varrera Kagoxima naquela manhã.

Ao cabo de escassos dias, o jardim estava limpo, a árvore derrubada agora serrada em toros que se empilhavam contra um muro, juntamente com todos os ramos quebrados e as folhas mortas. Só então, pela primeira vez, reparei nas lajes espaçadas que traçavam um carreiro por entre os arbustos, ao encontro das árvores ao fundo do jardim. Estes arbustos exibiam algumas marcas das investidas do recente temporal; estavam em plena floração e possuíam uma folhagem viçosa e estranhamente colorida — em cambiantes de encarnado, cor de laranja e púrpura, diferentes de tudo o que eu vira em Tóquio. Em suma, o jardim deixou de se assemelhar àquele lugar devastado que eu vislumbrara na noite da minha chegada.

Entre a varanda da casa e o começo das lajes estendia-se uma zona plana de relva. Aqui, todas as manhãs, antes de o Sol assomar por completo no céu, o meu avô desenrolava a sua esteira de palhinha e fazia exercício. Eu acordava com os ruídos vindos do jardim, vestia-me à pressa e saía para a varanda. Via então a figura do meu avô, vestido com um quimono largueirão, a mover-se à luz incipiente. Curvava-se e tornava a endireitar-se com certo vigor,

"A memória é o dramaturgo que todos os homens têm dentro de si. Põe em cena e inventa um disfarce para cada ser vinculado connosco. A distância entre o que foi uma pessoa e o que se recorda dela é literatura."

Correspondência de JORGE DE SENA e CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE

Blimunda. Uma revista com memória. Disponível todos os meses em www.josesaramago.org

Fundação José Saramago Casa dos Bicos

Que a brevidade pode ser bela, eis o que esta correspondência entre Carlos Drummond de Andrade (1902-1987) e Jorge de Sena (1919-1978) vem mostrar à saciedade. Três cartas de Drummond e sete cartas, mais duas mensagens, do poeta português, a que se junta uma carta de Mécia de Sena e a resposta do poeta brasileiro, a propósito do seu artigo na morte de Jorge de Sena e da oferta de um poema deste, então inédito, «A Drummond quando fizer setenta anos».

Tão poucas cartas, num espaço de tempo tão dilatado, de 1949 (a primeira, de CDA) a 1975 (a última, de JS), mal chegam para dar conta da natureza dos seus contactos e, sobretudo, da intensidade de uma admiração mútua, que podemos avaliar pelas dedicatórias dos livros de Drummond (doze, entre 1948 e 1974)¹, pelos textos de crítica dedicados por Sena ao poeta brasileiro², e por esse momento único, extraordinário, nas relações entre dois poetas e entre duas culturas, que é a proposta que Jorge de Sena faz de Carlos Drummond

- 1 Não foi possível recuperar as dedicatórias de Jorge de Sena a Carlos Drummond de Andrade.
- 2 A importância da poesia de Carlos Drummond de Andrade para a construção da poética seniana do testemunho foi amplamente referida por mim, em *A poesia de Jorge de Sena. Testemunho, metamorfose, peregrinação* (1998; 2.ª ed., 2009). Um breve excerto de «O Manuel Bandeira que eu conheci e que admiro»: «Quem primeiro me ensinou, e a outros que aprenderam ou não a lição, que a poesia escrita em português podia ao mesmo tempo ser libérrima e disciplinada, intelectual e puramente sensível, e embebida de uma profunda humanidade sem limites no espaço e no tempo da vida, como o tão grande Pessoa homem sem amor não nos podia dar? Bandeira, e logo ao lado dele, Carlos Drummond de Andrade. A ambos, como a outros, tive a honra de conhecer» (Jorge de Sena, *Estudos de Cultura e Literatura Brasileira*, 1988, p. 126)

Rio de Janeiro, 4 julho. 1949.

her can poeto lago de dena:

Vinho ajradecu. Ilu a pande perso de "Corra da Perra," de uma al here e de une profundidade sur un causam una remajão de verhjem. Senia dificil extrair mais etrois não poetros da corras deste uno mundo su vocemento. Van reessa e' participação e surerascão da cida. Encombo mela una saludaria diamaítica, de raspe, dologras, man atripindo à mais pane e encentra da beleja.

Toda a admingrad la fiel utima y

Carlo Dumamo de de de de ad

matoquim haburo, 81

Rio de Janeiro, 4 julho 1949.

Meu caro poeta Jorge de Sena:

Venho agradecer-lhe a grande poesia de *Coroa da Terra*,¹ de uma altura e de uma profundidade que nos causam uma sensação de vertigem. Seria difícil extrair mais essência poética das coisas deste nosso mundo incoerente. Vera poesia é participação e superação da vida. Encontro nela uma sabedoria dramática, de raízes dolorosas, mas atingindo à mais grave e concentrada beleza.

Toda a admiração e a fiel estima de

Carlos Drummond de Andrade Rua Joaquim Nabuco, 81

¹ Jorge de Sena, Coroa da Terra (Porto: Lello & Irmão, 1946).

GRANTA

DO BRANCO AO PRETO

Martha Gellhorn

TRADUÇÃO DE JOANA FRAZÃO



 $\mathbf{E}^{\mathrm{sta}}$ é uma história exemplar, que demonstra como viajar nos torna mais pobres de espírito.

Em Fevereiro de 1952, deixei o meu lar feliz no México e fui passar cinco ou seis semanas no Haiti. Não sabia nada sobre o Haiti, à excepção do esplêndido nome Toussaint l'Ouverture, mas não era propriamente o Haiti que me interessava. O que me interessava era paisagem, clima e mar onde nadar: um pano de fundo para me sentar em sossego e solidão, e começar um romance. Residência em viagem. Quando não se consegue escrever em casa, vai-se para outro sítio qualquer. Eu tinha visto o Haiti de passagem, anos antes, e lembrava-me de grandes montanhas verdes, do mar cobalto e de Port-au-Prince, uma cidade branca encavalitada numa encosta, enfeitada com videiras e buganvílias em flor. Qualquer ilha das Caraíbas teria servido; o Haiti foi uma escolha ao acaso.

Port-au-Prince não melhorou com os anos. Um motorista de táxi recomendou o melhor hotel junto ao mar. As paredes estavam a descascar, havia uma *jukebox* ensurdecedora, os bêbados abundavam e os quartos eram peganhentos de tanto pó velho. A conversa de bar, um queixume desencantado. O turismo ia de mal a pior, as pessoas vendiam tudo o que tinham e iam-se embora, sucediam-se os presidentes, todos vigaristas, e no caos instalado ninguém sabia o que ia acontecer a seguir. As ruas da cidade pareciam agora trilhos de terra batida, e os cidadãos negros tinham um ar miseravelmente pobre e triste. Devia-me ter ido embora nessa altura, passado um dia. A energia, que existia antes de ser nomeada, era péssima. Em vez disso, às dez horas da segunda noite, mudei-me do hotel barulhento para uma pensão mais acima na encosta, onde passei a ser

HAVE A HEART

Ana Teresa Pereira

Há velhos filmes a preto e branco que só existem durante a noite, quando acordamos e a TV continua ligada, e não têm qualquer realidade na manhã seguinte.

A primeira vez que vi *Seconds* de John Frankenheimer (1966) devia ter seis ou sete anos, e no entanto não acredito na existência desse filme, o homem que tem uma segunda vida com o corpo e o rosto de Rock Hudson, o final que é o mais terrível que conheço. Acontece o mesmo com *The Red House* de Delmer Daves (1947), a rapariga que vive numa quinta isolada e desde pequena está proibida de entrar no bosque; quando finalmente descobre a casa vermelha e a casa de gelo, lembra-se de que esteve lá antes. *You Won't Go Home Again* de William Nigh (1949), baseado num conto de Cornell Woolrich, a rapariga de gabardina que caminha no meio do nevoeiro e a porta aberta da loja, como se alguém a esperasse.

Há duas obras-primas baseadas em textos de Cornell Woolrich (William Irish): *Rear Window* de Alfred Hitchcock (1954), o cinema na sua forma mais pura e *Phantom Lady* de Robert Siodmak (1944), uma pintura em luz e sombra.

Quando me lembro de *The Leopard Man* de Jacques Tourneur (1943), uma adaptação do romance *Black Alibi*, tenho a impressão de ver a mesma cena uma e outra vez: a rapariga a fugir da fera e a chegar a uma parede que não a deixa passar. Pode ser a parede de casa ou a de um cemitério durante a noite.

Black Angel (1946) é talvez o melhor filme de Roy William Neill, conhecido pela série de Sherlock Holmes com Basil Rathbone. O livro de Woolrich faz parte da minha vida. Desde sempre. Devo tê-lo lido pela primeira vez em criança, uma tradução em que

O SENHOR VELOSO

Miguel Esteves Cardoso

Senhor Veloso olha para a garrafa vazia. Tem uma bigorna entre os olhos. Já em criança era um estupor.

A Patrícia e o Gonçalo gostam de um poder fresco e acabado de fazer. Quando o poder envelhece (às vezes bastam três dias) cansam-se dele e dizem que é fascista.

O Senhor Veloso não dá conselhos. Dá ordens que não esclarecem nada mas confundem tudo.

Quando era criança descobriu que era fácil encontrar sujeitos. Começa-se por baixo, pelo mais acessível e indefeso: pelas formigas. Nem é preciso ser-se criança para fazer o que se quer com formigas.

O Senhor Veloso gostava das ordens que lhe davam os mais poderosos do que ele. «Ah», dizia ele de boca aberta, pensando «é assim que se dá uma ordem».

A Patrícia é uma mulher independente com três filhos, um marido e dois trabalhos: um como consultora de imagem e o outro como autora autobiográfica. Já publicou dois livros. Os títulos são: É a Tua Vez de Lavar a Louça e Três É a Conta Que Deus Fez (Os meus filhos e eu).

A Patrícia não põe os cornos ao marido — já o disse publicamente — mas pensa que, caso pusesse, era capaz de ter mais poder sobre ele, se a coisa fosse bem jogada.

Gonçalo diz que os jogos de poder o aborrecem, mas só porque perde de cada vez que os joga. Está viciado em jogos de poder mas diz a toda a gente que o vício não implica amor pela coisa que vicia.

O Senhor Veloso persegue este casal ao longo das vidas, aparecendo com caras diferentes conforme os locais e as situações.

BREVES NOTAS SOBRE O PODER

Gonçalo M. Tavares

- 1. A força está, em potência, em todo o lado ao mesmo tempo, tal como Deus.
- 2. A fraqueza também está em todo o lado ao mesmo tempo, tal como Deus.
- 3. A um milímetro do forte poder a fraca fraqueza.
- 4. São um par, como a dança que exige um em frente do outro ou ao lado ou a passar por baixo das pernas ou a subir por momentos às costas de quem suporta mais peso. E etc.

Força e fraqueza dançam — podemos culpar a música, a existência da música; ou podemos decidir não dançar.

- 5. Quando se fala em um milímetro de diferença entre força e fraqueza também se poderia falar num segundo ou microssegundo como medida de distância pois tudo, afinal, se transforma em tempo (a língua primeira, uma espécie de esperanto natural das sensações).
- 6. Um milímetro, a diferença entre eu sofri/ eu fiz sofrer. Um segundo, a diferença entre eu sofri/ eu fiz sofrer.
- 7. E, por vezes, não há esse segundo, claro; nem esse milímetro, claro. Nem essa diferença, claro.

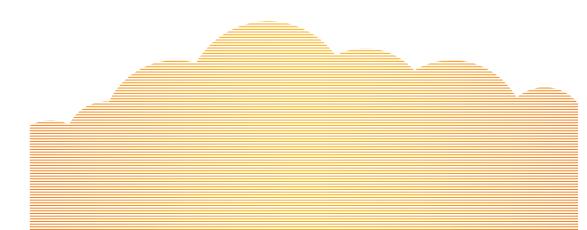
Agência de Viagens

EmpresasLazerTeam buildingFériasNegóciosGrupos

Eventos Ocasiões especiais

www.wtsviagens.com info@wtsviagens.com (00351) 21 770 90 10 R. Francisco Ferrer, 2-A 1500-461 Lisboa





AUTORES

José Eduardo Agualusa nasceu na cidade do Huambo, em Angola, há 52 anos. Estudou Agronomia e Silvicultura e foi jornalista. Publicou onze romances e quatro recolhas de contos, além de diversos títulos para crianças. Escreveu ainda quatro peças para teatro, duas delas em co-autoria com o escritor moçambicano Mia Couto. Os seus livros estão traduzidos para 25 idiomas. Em 2007, um dos seus romances, O Vendedor de Passados, foi distinguido com o Prémio Independent para a melhor ficcão estrangeira.

Carlos Drummond de Andrade (Itabira do Mato Dentro, Minas Gerais, 1902 – Rio de Janeiro, 1987), poeta e cronista, foi figura destacada da segunda vaga do modernismo brasileiro. Formado em Farmácia, mas sem seguir a profissão, dedicou-se ao jornalismo, foi funcionário público de craveira e interventor político. Em 1930, Alguma poesia, o seu primeiro livro, dá início à publicação de uma vasta e importante obra literária, várias vezes premiada no Brasil. Em 1980, recebe, em Portugal, repartido com Miguel Torga, o Prémio Morgado de Mateus.

Miguel Esteves Cardoso nasceu em Lisboa em 1955. É filho de mãe muito inglesa e de pai muito português. Começou a falar e a escrever em inglês mas gosta mais de escrever em português, que para ele é mais dificil. Gosta mais de ler inglês do que português, por uma questão mais de quantidade do que de qualidade. Gosta de escrever todos os dias no jornal *Público*. Para si próprio escreve menos vezes mas mais. É ambicioso.

Hélia Correia nasceu em Lisboa, em 1949. Poetisa e dramaturga, revelou-se enquanto ficcionista com O Separar das Águas. Seguiram-se outros romances, como Lillias Fraser e Adoecer. A sua escrita para teatro tem privilegiado os clássicos gregos, destacando-se, por exemplo, Desmesura – Exercício com Medeia. É também autora de livros infanto-juvenis, como A Chegada de Tivainy. A Terceira Miséria é o seu mais recente livro de poesia. Distinguida com diversos outros prémios, em 2013 recebeu o Prémio Vergílio Ferreira pelo conjunto da sua obra.

Afonso Cruz é ilustrador, escritor, cineasta e músico da banda The Soaked Lamb. Em Julho de 1971, na Figueira da Foz, era completamente recém-nascido. Haveria, anos mais tarde, de frequentar lugares como a António Arroio, Belas-Artes de Lisboa, Instituto Superior de Artes Plásticas da Madeira e mais de meia centena de países. Recebeu vários prémios e distinções nas diversas áreas em que trabalha, vive no campo e gosta de cerveja.

James Fenton nasceu em 1949 na cidade inglesa de Lincoln. Notabilizou-se como repórter em cenários de guerra. É autor de relatos sobre o Camboja e o Vietname já considerados clássicos do jornalismo moderno e compilados no livro All the Wrong Places. Iniciou-se como colunista político na revista New Statesman, ao lado de figuras como Julian Barnes, Martin Amis e Christopher Hitchens, que lhe dedica um capítulo do seu livro Hitch-22. Além de jornalista e crítico literário é também um poeta premiado.

José Gardeazabal nasceu e vive em Lisboa. Trabalhou, estudou e viveu — não necessariamente por esta ordem — em Luanda, Aveiro, Boston e Los Angeles. Escreve há oito anos. «Várias Versões de uma Catástrofe» é o seu primeiro texto publicado.

Martha Gellhorn (St. Louis, Missouri, 1908 – Londres, 1998), escritora e jornalista norte-americana. É considerada uma das mais importantes correspondentes de guerra do século xx: cobriu a guerra civil espanhola, a ascensão de Hitler ao poder e foi um dos primeiros jornalistas a entrar no campo de concentração de Dachau, após a libertação. Esteve também na Guerra do Vietname e na cobertura da Guerra dos Seis Dias, bem como em diversos conflitos na América Latina. Foi casada com o escritor Ernest Hemingway, de 1940 a 1945.

Luísa Costa Gomes nasceu em Lisboa, em 1954. Escreve ficção. Publicou romances, colecções de contos, peças e crónicas. Escreve guiões. Traduziu filmes. Editou a revista de contos *Ficções*, entre 2000 e 2010. Kazuo Ishiguro nasceu em 1954 na cidade de Nagasáqui, no Japão. Vive desde os cinco anos em Inglaterra e tornou-se cidadão britânico em 1982. Escreve em inglês e foi nomeado por quatro vezes para o Man Booker, prémio que obteve em 1989 com o romance *Os Despojos do Dia*. Foi eleito pela *Granta* um dos Melhores Jovens Romancistas Britânicos em 1983 e, de novo, em 1993.

Ana Teresa Pereira nasceu no Funchal em 1958. Escreve romances policiais e contos fantásticos.

João Pina nasceu em Lisboa em 1980. Formouse, em 2005, no International Center of Photography, em Nova Iorque, especializando-se em fotojornalismo e fotografia documental. Passou grande parte da última década a trabalhar na América Latina. O seu trabalho, por diversas vezes premiado, tem sido publicado em jornais e revistas como The New York Times, New Yorker, Time Magazine, Newsweek, Stern, GEO, El País, Days Japan, Expresso ou Visão. Fotografias suas já foram expostas em Nova Iorque, Londres, Töquio, Lisboa, Porto e Perpignan.

Raquel Ribeiro nasceu no Porto, em 1980. É jornalista, escritora e investigadora doutorada no Reino Unido com uma tese sobre a ideia de Europa na obra de Maria Gabriela Llansol. É colaboradora do jornal Público, foi bolseira Gabriel García Márquez da Fundación Nuevo Periodismo Ibero-Americano, na Colômbia, e da Universidade de Nottingham, com o projecto War Wounds, testemunhos da presença cubana na guerra civil de Angola. Como romancista, publicou Europa (Asa, 2002) e vários contos. O segundo romance, Este Samba no Escuro, sai em 2013 na Tinta-da-china.

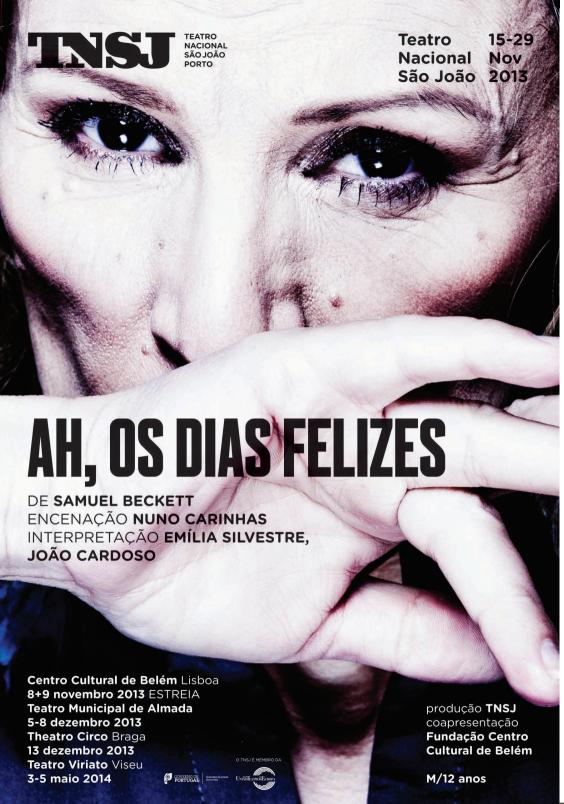
Salman Rushdie nasceu em Bombaim, na Índia, em 1947. Romancista e ensaísta britânico, Rushdie conquistou o prémio Booker, em 1981, com o seu segundo romance, Os Filhos da Meia-Noite. O mesmo livro seria eleito o Booker dos Bookers, em 2008. O quarto romance de Salman Rushdie, Os Versiculos Satânicos, valeu-lhe em 1989 uma condenação à morte por parte do Líder Supremo do Irão, o Aiatola Khomeini, que o obri-

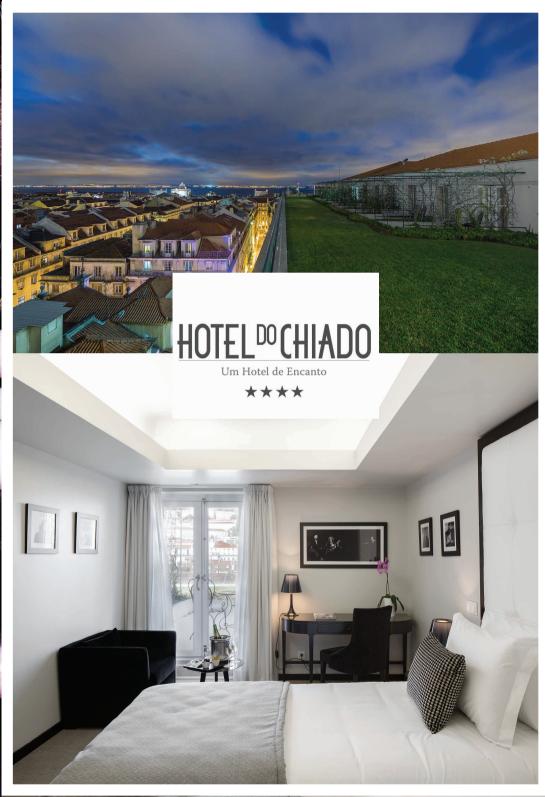
gou a permanecer escondido durante quase uma década. Vive actualmente nos Estados Unidos.

Jorge de Sena (Lisboa, 1919 - Santa Barbara, Califórnia, 1978), poeta, ficcionista, dramaturgo, ensaísta, crítico literário, teatral e de cinema, historiador da cultura e tradutor, formou-se em Engenharia Civil pela Universidade do Porto, em 1944. Em 1959, após o seu envolvimento no frustrado «golpe da Sé», aproveita uma deslocação à Universidade da Bahia, a fim de participar num colóquio literário, para ficar exilado no Brasil, aí desenvolvendo uma importante actividade política como membro da Unidade Democrática Portuguesa, do Centro Republicano Português de São Paulo e do jornal Portugal Democrático. No Brasil, torna-se professor universitário de literatura e, para poder leccionar, cidadão brasileiro, doutorando-se em Letras, em 1964, com uma tese sobre Luís de Camões. O golpe militar desse ano e a onda de perseguições que se lhe seguiu faz com que aceite um convite da Universidade do Wisconsin, em Madison, transferindo-se para os Estados Unidos em Outubro de 1965. Em 1970, muda-se para a Universidade da Califórnia, em Santa Barbara. A sua obra é galardoada, em 1977, com o Prémio Internacional de Poesia Etna-Taormina.

Goncalo M. Tavares nasceu em 1970. É autor de livros que deram origem, em diferentes países, a peças de teatro, peças radiofónicas, curtas metragens e objectos de artes plásticas, vídeos de arte, ópera, performances, projectos de arquitectura, teses académicas. Em Portugal recebeu vários prémios, entre os quais Grande Prémio Romance e Novela da Sociedade Portuguesa de Autores, o Prémio Fernando Namora/Casino do Estoril, o Prémio José Saramago, o Prémio LER/Millennium BCP e o Grande Prémio de Conto Camilo Castelo Branco, da Associação Portuguesa de Escritores. Recebeu também diversos prémios internacionais, incluindo o Portugal Telecom no Brasil (por duas vezes) e o Prix du Meilleur Livre Étranger, em Franca. Estão em curso traduções dos seus livros em cerca de 45 países.

298





colecção de poesia dirigida por pedro mexia

próximo título

"a gaveta do fundo" a.m. pires cabral







"pétalas num ramo negro, molhado" – ezra pound

A Granta foi composta em caracteres Plantin e impressa na Guide, Artes Gráficas, em Arcoprint Milk de 85 g e X-Per Premium White 120 g, em Outubro de 2013.